

Discurso pronunciado na Sessão de Abertura do 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação pelo Prof. Rubens Borba Morais.

A Comissão Organizadora deste Congresso pediu-me que vos dirigisse algumas palavras. Não me impôs um tema mas sugeriu-me que desse francamente minha opinião sobre o movimento bibliotecário atual comparado com o de trinta e tantos anos atrás, quando publiquei, em 1943, um livrinho intitulado **O Problema das Bibliotecas Brasileiras**.

Aceitei a sugestão e trouxe como Presidente de Honra do Congresso que hoje se inicia as reflexões de um velho bibliotecário, empenhado, nestes últimos cinquenta anos, em apenas cuidar de livros, ensinar Biblioteconomia e administrar bibliotecas no Brasil e no estrangeiro. Para essas reflexões peço a benevolência que os jovens têm para com os anciões.

Em 1943 fazia poucos anos que surgira em São Paulo um movimento biblioteconômico renovador. A fundação de uma Escola de Biblioteconomia com um currículo moderno, à reorganização da Biblioteca Municipal estavam dando apenas os primeiros frutos. Em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul e na Bahia, antigas bolsistas da escola paulista estavam iniciando cursos que estabeleceriam bases seguras para um futuro desenvolvimento. No Rio de Janeiro o Dasp começava a formar uma plêiade de bibliotecários modernos eficientes.

O movimento estava iniciado, começava a espalhar-se pelo país. Pareceu-me então que, antes que se disseminasse desordenadamente, era tempo de analisar o problema e planificar a solução em diversas etapas.

Achava que era preciso, em primeiro lugar, formar pessoal técnico capaz, em número suficiente para atender as nossas necessidades. Era necessário planejar redes de bibliotecas nos Estados. Fundar bibliotecas a esmo de nada adiantava. Era um esbanjamento de dinheiro e esforços. Parecia-me ser da maior importância recuperar as velhas e ricas instituições entregues a literatos e aos bichos. Chamava a aten-

ção para o empobrecimento de nossos acervos bibliográficos. Terminava minhas considerações prevendo que, se continuássemos de braços cruzados, dentro de poucos anos seria necessário ir ao estrangeiro para estudar os problemas brasileiros.

Nestes trinta e poucos anos que se passaram, depois que escrevi essas reflexões, muita água correu no rio Amazonas. O Brasil deixou de ser o país essencialmente agrícola de minha mocidade para tornar-se industrial. Passamos a exportar manufaturados e não somente ingredientes de sobremesa: cacau, café e açúcar. Não tínhamos universidades; hoje temos tantas que é preciso consultar documentos para se saber quantas são. Sem falar nas rendosas faculdades particulares espalhadas pelas cidades. Não tínhamos petróleo; hoje temos bastantinho, mas vem mais por aí. Vai dar para o gasto. Descobrimos a Informática e pegamos a mística do computador. O correio passou enfim a funcionar. As repartições públicas inventaram o convênio: quando não querem fazer um serviço, empreitam-no. Há departamentos que fizeram tanto convênio que aos funcionários só lhes resta uma coisa a fazer: tomar café. Fundamos cidades. Abrimos estradas. Temos poluição à vontade. Brevemente teremos lixo atômico.

Mas não foi somente o progresso material que nos atingiu. Houve uma transformação total nos nossos usos e costumes. Imitando os países superdesenvolvidos, descobrimos também a existência de uma coisa muito antiga: o sexo. As mulheres encurtaram as saias e os homens deixaram crescer a esmo suas penugens naturais.

Não há dúvida, estamos em pleno desenvolvimento. Entramos em cheio na civilização dos eletrodomésticos e da Coca-Cola. Só quero ver como vamos sair dessa.

E as bibliotecas, os bibliotecários, a Biblioteconomia enfim, como se comportaram nestes trepidantes anos?

A primeira constatação que faço é óbvia: o número de bibliotecários formados cresceu. Atinge hoje milhares. Estamos bem longe dos poucos que tinham passado pela escolinha de São Paulo, fundada, sem ajuda de governo, em 1936. Temos hoje dezenas de escolas espalhadas pelos Estados. A profissão de bibliotecário é reconhecida, os cursos regulamentados. Temos leis e regulamentos, temos conselhos estaduais e federal? Passamos de uma única Associação Paulista de Bibliotecários para tantas associações que existe, disseram-me, uma Federação de Associações.

Infelizmente está acontecendo com os bibliotecários o que acontece sempre nos países em vias de desenvolvimento com todos os técnicos: estão concentrados nas grandes cidades. Nada os arranca dali. Se em alguns Estados são bem pagos, em outros ganham salários derrisórios.

Não há dúvida que, em geral, o nível profissional é bom. Nos congressos apresentam teses de excelente nível. Nas revistas publicam artigos que demonstram que estão a par das novidades profissionais. Planejam bastante. Não se passa semana que eu não saiba de mais um plano de centro de documentação técnica, puxado a computador, à custa do governo.

Nos longos anos em que dirigi a Biblioteca da ONU, em Nova York, vi muito plano para transformar nossa eficiente livraria num centro de documentação ultramoderno. Lembro-me do que foi apresentado por um antigo colega que uma revolução havia transformado em embaixador de seu país junto às Nações Unidas. Queria por força o dinâmico ex-bibliotecário fazer de nossa biblioteca o maior centro de documentação do mundo. Por intermédio de computadores da última geração, de telex, televisão, etc. etc. estenderíamos ramais para todas as bibliotecas nacionais e delas partiriam outros ramais pelo interior afora até onde houvesse biblioteca. Montado o polvo com seus tentáculos, bastaria apertar um botão em qualquer parte para ter diante de si a resposta a qualquer indagação. O projeto tinha uma base financeira. Demonstrava seu autor que custaria menos dinheiro que a soma que as grandes potências gastavam em armamentos. Tive grande trabalho para convencer o embaixador recém-nomeado que seria mais fácil, enquanto os Grandes não resolvessem desarmar-se, apoiar meu pedido de verba para a compra de uns livrinhos. Consegui, mas estou certo de que, para o planejador, eu era um bibliotecário rotineiro, atrasado e sem imaginação: um verdadeiro “quadrado”. É muito difícil convencer técnicos imaginosos e aflitos por mostrar suas habilidades que é necessário estabelecer prioridades e planejar de acordo com a realidade.

Quando leio as teses apresentadas em congresso, quando percorro os planos de meus jovens colegas, tão atualizados com as soluções empregadas nos países ultra-adiantados, confesso que tenho vontade de pegá-los pela mão e levá-los a fazer uma excursão pelas bibliotecas brasileiras. Talvez a visão de nossa miséria bibliotecária os faça abandonar toda essa literatura, para nós verdadeira ficção científica e futurologia.

Muitos colegas vivem fora da realidade brasileira, planejam e escrevem para serem lidos por eruditos de aquém além-mar. São tão adelantados que não existe no Brasil biblioteca, centro de documentação ou público bastante grandes para justificar as dispendiosas mecanizações que propõem como única solução. Creio que não é preciso computador para por ordem e fazer funcionar eficazmente nossas modestas livrarias com alguns milhares de livros antiquados, algumas revistas técnicas e um ou outro índice internacional. Não me parece econômico empregar em nossos centros de documentação uma tecnologia para ir à Lua.

Não sou contrário ao progresso tecnológico, não quero que as nossas bibliotecas fiquem paradas olhando embasbacadas para o que se faz nos países ultra-adiantados. Mas sei que uma casa não se constrói começando pelo telhado. Execu-

tar esses planos mirabolantes é jogar dinheiro fora e ter “para inglês ver”, para mostrar para turistas. Há outros meios mais baratos de incentivar o turismo.

As nossas escolas de Biblioteconomia seguem um currículo mínimo estabelecido por lei. Não há dúvida que é necessário rever esse programa de tempos em tempos, tendo em vista as necessidades do país. Acho que, quando ele for revisto, é preciso levar em conta a triste realidade do nível mobralesco da maioria dos estudantes. O bibliotecário precisa ter um mínimo de cultura geral. O fato é óbvio e ninguém o contesta. Entretanto, nossos programas estão reduzindo as matérias culturais e aumentando as técnicas adiantadas que o futuro bibliotecário dificilmente terá ocasião de empregar. Já é freqüente o jovem recém-formado sentir-se frustrado. Sai da escola com a cabeça cheia de Informática, de thesauri e de computador. Vai trabalhar na biblioteca de algum ministério com poucos leitores ou uma biblioteca pública pobríssima. Como foi treinado para usar técnicas sofisticadas e não tem eletrônica à sua disposição, acaba frustrado e pondo a culpa de seu fracasso no governo e no imperialismo americano. Um técnico frustrado ou um técnico sem cultura é uma calamidade pública. Seria mais útil que nossas escolas ensinassem como por em ordem e fazer funcionar uma biblioteca antiquada, como enfrentar a realidade. Que tal um curso de sobrevivência na selva aplicado à Biblioteconomia? Duas matérias parece-me que deveriam ser introduzidas com urgência: a de custos operacionais e a de bom senso.

Não vejo as associações de bibliotecários representarem no Brasil o papel e a influência que associações semelhantes representam em alguns países desenvolvidos. Nem me parece que tenham a influência de outras sociedades entre nós. Se tivessem não teriam deixado a Biblioteca Nacional chegar ao ponto que chegou foi enfim entregue a uma bibliotecária para salvar os restos do naufrágio. Não teriam deixado a Biblioteca Municipal de São Paulo tornar-se um caos. Tenho certeza, porém, que as nossas associações mandaram e mandam muitos ofícios aos órgãos competentes. Mas, a Federação das Indústrias e as chamadas classes produtoras não se contentam em mandar ofício quando querem a cooperação do governo. É talvez por isso que produzimos cada vez mais e que nossas exportações crescem. O nosso atraso em matéria de biblioteca é uma prova de falta de cooperação entre bibliotecários e governo.

A organização de congressos de Biblioteconomia é talvez a principal atividade de nossas associações. Atividade meritória, não há dúvida. É tão agradável encontrar colegas, rever amigos, ouvir queixas e lamentações e também ouvir contar vantagem. É ótimo ir ao Recife ver onde o Capiberibe une-se ao Beberibe para formarem o oceano Atlântico. Como é gostoso comer pato com tucupi em Belém do Pará. Que espetáculo esplêndido o ver esta cidade magnífica rodeada de favelas e sem uma biblioteca pública.

Espero que desta reunião de trabalho e turismo não saiam somente “resoluções” publicadas em atas. Gostaria de ver surgir aqui uma nova mentalidade mais realista e mais atuante. Temos uma bem sucedida política exterior baseada no realismo pragmático. Vamos fazer uma política bibliotecária com base no realismo dramático de nossa verdadeira situação.

Brasília, 20 de julho de 1975.

MEMBROS DA COMISSÃO DIRETORA

Adélia Leite Coelho
Aníbal Rodrigues Coelho
Astério Tavares Campos
Francisco Bahia Margalho
Juracy Feitosa Rocha
Maria Laura da Cunha Lion
Pérola Cardoso Raulino

MEMBROS DA COMISSÃO ORGANIZADORA

Abner Lellis Correa Vicentini
Angela Maria Crespo Queiroz Neves
Cândida Maria Piragibe Graeff
Eladir de Faria
Luiz Carlos Maroclo
Nydia da 'Silveira Caldas
Virgínia Astrid A. de Sá e Santos

SECRETARIA DA COMISSÃO TÉCNICA

Suzana Mueller

GERÊNCIA

Hélio Lotti Vieira

INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS REPRESENTADAS

Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco):
Representada por Célia Ribeiro Zaher

Federação Internacional de Associações de Bibliotecas (FIAB/IFLA):
Representada por Mrs. Dorothy Anderson

Federação Internacional de Documentação (FID):
Representada por Abner Lellis Corrêa Vicentini

Associação Interamericana de Bibliotecários e Documentalistas Agrícolas (AIBDA):
Representada por Dina Maria Bueno Moretti

ORGANIZAÇÃO

Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF)

PATROCÍNIO

Banco do Brasil
Câmara dos Deputados
Conselho Federal de Cultura (MEC)
Instituto Nacional do Livro (MEC)
Ministério das Minas e Energia
Secretaria de Planejamento da Presidência da República Senado Federal
Superintendência do Desenvolvimento da Região Centro-üeste Universidade de Brasília

COLABORAÇÃO

Associação Brasileira de Bibliotecas Universitárias (ABBU)
Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD)
Caixa Econômica Federal
Casa Thomas Jefferson (USIS)
Conselho Britânico
Embaixada da França
Embaixada da República Federal Alemã
Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB)
Federação Internacional de Associações de Bibliotecas (IFLA)
Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD)
Instituto Cultural Brasil-Alemanha
Instituto Nacional do Cinema
Ministério da Indústria e Comércio
Ministério do Interior
Ministério da Justiça

Todas as bibliotecas de Brasília que, através do esforço e da dedicação de seus bibliotecários, tanto contribuíram para a realização do 8º CBBD.

HOMENAGEM ESPECIAL

José César Regueira Costa, idealizador do 1º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia (Recife, 1954)

HOMENAGENS PÓSTUMAS

Alice Príncipe Barbosa
Denise Fernandes Tavares
Ruth Canduru Chalala